

A RELAÇÃO DA ARTE E A FORMAÇÃO DA QUERO AMIGOS EM SUBJETIVIDADE HUMANA NO CONTEXTO ESCOLAR

João Paulo Cristaldo
Luiz Oliveira da Silva
Naiara Priscila da Silva

RESUMO: Partindo do pressuposto que cada criança apresenta um ritmo único no processo de evolução. Cada pessoa tem uma história singular e única, formada no sentido biológico, psicológico, social e cultural. Essa questão ocorre tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Da mesma forma que uma criança engatinha, fala, anda etc. precocemente ou tardiamente em relação uma das outras, no processo de aprendizagem ocorre o mesmo com o aluno. É notório que as experiências educacionais de certa forma, tem de ser uma fomentadora de nossa subjetividade. Tal subjetividade e a questão educacional são “irmãs siamesas”, pois a arte de ensinar tem de se desenvolver em seu aspecto social, individual, de forma a constituir a individualidade do sujeito. Considerando a escola um ambiente em que todos devem ser tratados com igualdade, o ideal é que os alunos tenham as mesmas oportunidades, porém, essas podem ser aplicadas de forma diferenciada, dependendo do ritmo de cada um. É condição visível nas escolas essas resistências de aceitação nos sistemas vigentes, visto que ainda segue muitos entraves frente a esses assuntos no que se refere ao apoio tanto governamental, quanto escolares com estruturas precárias, não apenas física como também profissional para suprir a necessidade visível da sociedade. Por isso, os professores devem ressignificar suas aulas com os alunos buscando na sua práxis a inclusão de todos trabalhando com a arte como um meio de sensibilizar e reinventar os saberes escolares interdisciplinando e incluindo as pessoas. A Arte coaduna com tais visões sobre a educação e subjetividade ao mesmo tempo em que ela proporciona o ato de coletivizar, individualizando o processo de subjetividade de cada aluno. Desse modo, a Arte se coloca como um eixo crucial em um processo tanto de interação social ante ao contexto escolar como um fomento da individualidade humana, por isso deve ser colocada de forma prática e firme em primeiro plano nos bancos escolares e não deixada de lado como o retrato das escolas no Brasil o faz.

Palavras- chave: Arte. Subjetividade humana. Indivíduo. Aprendizagem. Escola, Brasil.

INTRODUÇÃO

A Instituição Escola, por vezes, se torna a unidade e o maior propagador dos problemas sociais envolvidos hoje no nosso país. Por isso, a importância deste papel do diálogo com o educando no contexto escolar se torna sumariamente importante e imprescritível.

Ao refletirmos sobre a família, observamos que a mesma, ao interagir com os filhos, ajudará a formar a personalidade, determinando aí suas características

sociais. Muitos fenômenos sociais são percebidos e examinados em função de características da família.

Nesse processo de troca, a família está inserida na construção de um estado de maturidade que se dá por meio da convivência com os filhos. As atitudes e comportamentos dos pais e demais membros familiares, expressos por suas interações, têm um impacto decisivo no desenvolvimento psicossocial de um filho.

A escola e a família compartilham funções sociais nesse processo dialógico, políticas e educacionais e assim contribuem para a formação do aluno. Entretanto a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos, é condição “sine qua non” estarem juntas para o desenvolvimento do aprendizado dos alunos, priorizando assim uma reflexão sobre a função social, suas tarefas e papéis na sociedade contemporânea, especificamente no que diz respeito ao cenário político-pedagógico e a comunidade de educandos.

A Escola apresenta atualmente um contexto com bastantes desafios nos quais as comunidades escolares encontram para a formação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, onde se exerça os direitos da cidadania, procuram direcionar ações voltadas para a melhoria do ensino público, com uma pedagogia de ensino com qualidade, proporcionando assim uma educação sólida, com responsabilidade e com objetivo de conhecer o novo de uma forma individual e coletiva.

A proposta pedagógica de uma instituição deve se fundamentar nesta ótica em princípios de construção do conhecimento, com uma perspectiva de despertar uma consciência crítica e transparente diante dos problemas sociais, sejam locais ou não, para que assim o alunado possa contribuir na construção e no desenvolvimento dessa sociedade tão cheia de desafios.

Considerando que cada criança apresenta um ritmo único no processo de evolução. Cada pessoa tem uma história singular e única, formada no sentido biológico, psicológico, social e cultural. Essa questão ocorre tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Da mesma forma que uma criança engatinha, fala,

anda etc. precocemente ou tardiamente em relação uma das outras, no processo de aprendizagem ocorre o mesmo com o aluno.

[...]Na contemporaneidade, as expressões artísticas surgem como possibilidades ao desenvolvimento humano integral na educação, pois percebemos que desde a infância, as crianças estão em contato com as diversas artes e esse fator pode trazer consigo mudanças nos modos de comunicação e de interação na sala de aula. (TARRAGÔ, HABOWSKI, CONTE, 2017).

‘Os professores devem ressignificar suas aulas com os alunos deficientes buscando na sua práxis a inclusão de todos trabalhando com a arte como um meio de sensibilizar e reinventar os saberes escolares interdisciplinando estes saberes. utilizando nas suas aulas a audiodescrição para os cegos, as texturas, os diversos tipos de materiais aproximando os saberes escolares dos alunos.

A RELAÇÃO DA ARTE E O FOMENTO DA SUBJETIVIDADE HUMANA

É notório que as experiências educacionais de certa forma, tem de ser uma fomentadora de nossa subjetividade. Tal subjetividade e a questão educacional são “irmãs siamesas”, pois a arte de ensinar tem de se desenvolver em seu aspecto social, individual, de forma a constituir a individualidade do sujeito.

Como comenta as autoras Bottega e Raffaelli (2014) afirma que, “os sentimentos estão ligados [...] as relações entre professor e aluno, facilitando assim a mediação de conhecimentos, pois uma vez que o aluno sente-se tocado pelo professor e possui bons sentimentos pelo mesmo, mais fácil ele compreende os conteúdos e gosta das aulas”.

Como fala Bergamini (2013) sobre essa subjetividade, “o florescer dessa subjetividade elabora alternativas para esse aluno interferir no mundo, refletir, concordar ou não com o senso comum e contribuir com opções de ajudar este mundo”.

Conforme Araújo (1999),

Esse professor ou professora consegue estabelecer relações baseadas no diálogo, na confiança e nutrir uma efetividade que permite que os conflitos cotidianos da escola sejam solucionados de maneira democrática (ARAÚJO, 1999, p. 42).

A arte coaduna com tais visões sobre a educação e subjetividade ao mesmo tempo em que ela proporciona o ato de coletivizar, individualizando o processo de subjetividade de cada aluno.

Segundo o filósofo Roger Scruton (2017), “ na Arte vemos a comunicação de experiências individuais, que buscam dar significado ao mundo e a nossa existência”.

Desse modo, a Arte se coloca como um eixo crucial em um processo tanto de interação social ante ao contexto escolar como um fomento da individualidade humana, por isso deve ser mais colocada em primeiro plano nos bancos escolares e não deixada de lado como o retrato das escolas no Brasil o faz.

O “ESPELHO” ENTRE O PROFESSOR- ALUNO E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

É o conhecimento de todos na área da educação que a relação entre o professor e o aluno se entrelaça através do afeto, visto que o processo de ensino e aprendizagem fica mais suave e prazeroso. Pieron (1969) afirma:

Afetividade a capacidade de experimentar os sentimentos, além de uma reação emotiva generalizada com efeitos bem definidos sobre o corpo e o espírito. Ou seja, os afetos alteram todo o funcionamento psicológico, bem como a honestidade biológico-corpórea; corpo e alma unidos como uma unidade dissociativas. (PIERON, 1969).

Essa relação de afetividade é construída nas experiências vividas na sala de aula com o coletivo, através dos diversos sentimentos subjetivos (amor, tristeza, raiva, etc.). Esses momentos são vividos no controle do professor, é ele que se preocupa com esses turbilhões de emoções na sala de aula, procurar, aceitar, respeitar e entender todas as manifestações dos seus alunos.

Podemos perceber que a Educação necessita de um olhar mais afetivo, porque pode ajudar no desenvolvimento cognitivo e no comportamento da criança. Para Wallon, Piaget, Vygotsky a criança no seu processo socioafetivo ela precisa interagir para desenvolver seus laços afetivos.

Como a família é o seu primeiro contato com o mundo e a escola dá essa continuidade, os dois exercem um papel muito significativo no aprimoramento das experiências afetivas e cognitivas na aprendizagem. O professor precisa pensar na construção da criança como sujeito que deve valorizar os valores e o próprio caráter para seu desenvolvimento como um todo.

E esse aprendizado começa ao nascer e perdura até seu último dia de vida, é se relacionando que ela aprende, buscando entender os fatores sociais, biológicos, psicológicos e afetivos.

Ao longo das leituras, percebemos que a influência da afetividade para o processo de aprendizagem está presente nos espaços da escola e sua falta pode afetar a escolarização da criança.

Tem-se essa preocupação entre os professores da importância da qualidade das primeiras relações afetivas da criança. A afetividade influencia diretamente o desenvolvimento emocional e afetivo, a socialização as interações humanas e, sobretudo, a aprendizagem (Arantes, 2003).

A escola necessita pensar nesses momentos para proporcionar a criança essas reflexões sobre a vida do aluno como um ser integral, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. Essas reflexões podem ser vistas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.22-23), a qual é retratada pelos conteúdos atitudinais.

O espaço escolar é voltado para uma postura crítica e nos diz que o conhecimento é dinâmico e transformador e os propõe um fazer pedagógico capaz de criar oportunidades valorizando talentos, repassando dinamismo, altruísmo e solidariedade. Ela não deve dispensar tais conceitos no seu currículo. Porque, a sociedade que vivemos tem sede de mais afetividade nas relações. O conhecimento é uma arma poderosa de segurança e autonomia. Por isso, o papel escolar perpassa na busca junto a sociedade e no ambiente escolar recursos para trabalhar pelo fortalecimento da família e a melhoria das condições de vida dos cidadãos.

Isso mostra que devemos defender alguns princípios que deveriam orientar a educação das crianças, como a dignidade da pessoa humana, o que implica respeito dos direitos humanos, a igualdade de direitos, a participação

como princípio democrático e com a responsabilidade pela vida social. Desse modo:

Eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar implica colocar-se explicitamente contra valores e práticas sociais, que desrespeitam aqueles princípios comprometer-se com as perspectivas e decisões que a favoreçam. Isso se refere a valores, mas também a conhecimentos que permitem desenvolver as capacidades necessárias para a participação social afetiva (PCN, 1997, p.25).

É nesse sentido que a escola deve organizar-se democraticamente com objetivos transformadores, articulando com interesses dos grupos. Desempenhando sua função de perceber os interesses do meio em que ela está inserida.

Uma escola que trabalha a diversidade dos alunos viabiliza o livre avanço dos alunos que são mais capazes de forma natural, alimentando o interesse do estudante, abrindo-lhe caminhos e proporcionando-lhe recursos.

Infelizmente, encontramos nas escolas professores somente com o livro didático, sem outros recursos à disposição dos estudantes. A diversificação depende muito da ajuda material que, por seu conteúdo, nível e capacidade de estimular, possam ser trabalhados pelos estudantes. Com métodos que integram os conteúdos devidamente atribuindo significados, possibilitando experiências para a aquisição do conhecimento.

É necessário nessa perspectiva que os profissionais da Educação estejam comprometidos, disponham de tempo e de recursos para realizarem um bom trabalho junto aos alunos. É fato que a formação do leitor e posteriormente, a formação do educando estão encaminhando-se para o fracasso, assim é preciso que a educação também se modernize tanto como a tecnologia fora da Escola e que a própria instituição da Escola também se remodele, pois de todo modo se continuarmos nesse abismo de falta de Educação de qualidade seremos excluídos a outros países que levam a Educação a sério e conseqüentemente, nossos filhos do Brasil irão se tornar cada vez mais “inaptos” ao mundo atual.

Cuidadosamente, mas com segurança, nossas escolas abrirão o seu caminho por esse terreno se desejarem satisfazer às exigências da democracia e da ética, de um lado, e da educação verdadeira, do outro, se não o fizerem,

negarão a si próprias.

Almeida (2001) diz que um dos componentes essenciais para que essa relação seja significativa e representa uma parceria no processo ensino e aprendizagem é o diálogo. Essa interação dialógica é uma via de mão dupla que é norteadada pelos princípios dos valores, necessidades, aspirações entre todos que fazem o processo de ensino-aprendizagem.

Concluimos que a interação entre professor e aluno é fundamental no processo ensino-aprendizagem. Essa relação mantém o aluno mais confiante e eleva sua autoestima. Outro ponto importante está no sentido de uma prática educativa sem problemas conflitantes, conteúdos neutros de aprendizagem, mas com conteúdos instigantes que favoreçam situações claras para incentivar a motivação investigativa e o aluno tenha autonomia para construir seu próprio conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Os primeiros anos do século XXI: o Brasil e as relações internacionais contemporâneas**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.
- BERGAMINI, Erika Mastandrea. **Aprendizagem, educação e subjetividade: aspectos entrelaçados e desafiadores**. São Paulo: UNIFESP, 2013. Disponível em: www.psicologado.com.br. Acesso em: 03 Maio 2019.
- BOTTEGA, Fernanda; RAFFAELLI, Alexandra Franchini. **O educar sensível e as possibilidades do século XXI**. Santa Catarina: FAI Faculdades, 2014.
- BRASIL. MEC. 1993. **Plano decenal de educação para todos**. Brasília: MEC.
- _____. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF.
- COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yvd9R30hNqk>. Acesso em: 02 Mai 2019.
- PIERON, H. **Dicionário de Psicologia**. 1ª ed. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SCRUTON, Roger. **Arte e imaginação: um estudo da filosofia da mente**. São Paulo: É Realizações, 2017. Tradução Luiz Paulo Rouanet.
- TARRAGÔ, Lenon da Silva; HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. **A inclusão social por meio das artes: possibilidades e limites na educação**. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-inclusao-social-por-meio-das-artes-possibilidade-s-e-limites-na-educacao>. Acesso em: 06 Maio 2019.